

Narrativas de Si: memórias do processo criativo

Self Narratives: memories of the creative process

Glaucyellen Lopes da Silveira¹
Maria Betânia e Silva²

Resumo

Esse texto traz uma análise sobre os processos de criação que foram desenvolvidos no decorrer dos quatro primeiros anos do curso de Licenciatura em Artes Visuais, de 2016 a 2019. O objetivo da pesquisa é narrar como se deu o processo de desenvolvimento da produção artística a partir das memórias que existem em desenhos, pinturas e gravuras produzidas. Com uso da cartografia, as experiências e sensações durante a produção das imagens nos períodos em que foram feitas, foram revisitadas com a atenção em captar quais são os estímulos que se articulam para a produção e como se deu o processo de aprendizagem no decorrer dos diferentes componentes curriculares vivenciados durante esse período.

Palavras-chave: Processo Criativo. Memória. Artes Visuais.

Abstract

This text provides an analysis of the creative processes that developed during the first four years of the Degree in Visual Arts, from 2016 to 2019. The objective of the research is to narrate how the development process of artistic production took place from the memories that exist in each drawing, painting and engraving that I produced. With the use of the cartography, I revisit the experiences and sensations during the production of the images in the periods in which they were made, attentive to capture what are the stimuli that are articulated for my production and how the learning process was carried out during the different curricular components that I dedicated during that period.

Keywords: Creative process. Memory. Visual Arts.

1

Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco. Artista Visual. Tecnóloga em Publicidade e Propaganda. Atua no campo da Arte/Educação e Ilustração.

2

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/ UFPB. Atua no ensino das Artes Visuais com ênfase nas temáticas: memórias, história do ensino da arte, formação docente em arte e práticas pedagógicas em arte.



1- Lembranças

O estudo de Carlos Mourão e Nicole Faria nos ajuda a refletir sobre um elemento importante presente no processo de desenvolvimento artístico, a Memória. Os autores dizem que:

A memória é a capacidade que os seres têm de adquirir, armazenar e evocar informações. Apesar dessa definição simples, não é algo tão simples assim. É um dos mais importantes processos psicológicos, pois além de ser responsável pela nossa identidade pessoal e por guiar nosso dia a dia, está relacionada a outras funções igualmente importantes, como a função executiva e o aprendizado (MOURÃO; FARIA, 2015, p. 780).

Mesmo sem perceber, usamos esse importante recurso a todo o momento, se não fosse a memória, não saberíamos ter cursado uma faculdade, não saberíamos nem mesmo o próprio nome, e tampouco o nome daqueles que foram e são importantes em nossa trajetória. Sem ela não saberíamos de onde viemos, qual foi o trajeto que trilhamos para chegar ao presente e como vamos alcançar o futuro. “A memória recolhe os incontáveis fenômenos de nossa existência em um todo unitário; não fosse a força unificadora da memória, nossa consciência se estilhaçaria em tantos fragmentos quantos os segundos já vividos” (HERING apud MOURÃO JÚNIOR; FARIA, 2015, p.01).

Minha memória mais antiga de desenhar é de quando criança, por volta de uns sete anos, lembro de estar pintando uma barraquinha no Mercado Público de Abreu e Lima. Minha avó e eu sempre íamos lá comprar temperos e ervas. Ela tinha um conhecido de longa data que trabalhava lá, eu o conhecia como Senhor Malafaia, e ele me chamava de “filha de guaiamum” por conta do meu pai. Ele vendia arroz e pequenas coisas de mercado. Na frente da venda tinha sacos cheios de arroz nos quais eu adorava enterrar minhas mãos. Logo ao lado dele, havia uma venda de carnes secas e é de onde minha lembrança de pintar as madeiras do entorno vem. Não me lembro do vendedor ou de como ocorreu isso, só recordo de estar pintando com os dedos uma paisagem nas laterais da barraquinha e do vendedor falando para minha avó que eu tinha futuro no desenho porque minha imaginação iria muito longe.



Desenho para mim era brincadeira. Lembro que meu pai quando ia me visitar me levava para comprar presentes como massinha de modelar, lápis de cor, cadernos de desenho, giz de cera e tintas para eu pintar. Sempre achei muito interessante e me deixavam muito feliz as cores, as formas e a textura dos materiais no papel. Até hoje, quando entro numa papelaria e sinto os cheiros, essas lembranças me retornam à mente. Mas, minhas recordações da infância com desenho são essas. O resto está perdido na minha cabeça ou em outras partes do meu corpo, com outras poucas lembranças boas da minha infância. Em outras partes do corpo porque as memórias atravessam os sentidos e são acionadas por disparadores e dispositivos que nos transportam para outros momentos em que vivenciamos experiências que foram significativas em nossa história.

Durante a adolescência voltei a ter interesse por desenho por conta de um amigo muito próximo que desenhava por hábito. Sempre o via desenhar muito bem e achava incrível a capacidade de colocar vida no papel, desenhar o que estava na sua mente ou na sua frente só com um lápis e uma borracha. Mas, mesmo com essa proximidade, não pensava em desenho ou em artes como uma profissão ou algo que gostaria que fosse meu futuro. Na verdade, não pensava em arte na minha vida, cresci pensando pouco sobre como seria o meu futuro, apenas via que tinha a necessidade de uma profissão para poder me sustentar e poder ter minhas coisas.

Lembro que quando entrei na graduação em Artes Visuais não tinha muita noção do que era o curso e como era a área de atuação. Tinha saído de uma primeira graduação não concluída em Publicidade e Propaganda e estava meio perdida sobre o que iria fazer como profissão. Recordo de não ter expectativas muito altas com o curso, mesmo assim, estava nervosa e ansiosa com a espera de desvendar um novo caminho a seguir.

Durante os primeiros anos do curso tive componentes curriculares práticos e teóricos, mas os que mais me marcaram foram os componentes práticos. Por gostar de criar, inventei muitas coisas, uma parede inteira de imagens, algumas estão comigo e várias outras já foram perdidas ou se perderam no decorrer do tempo. Essas imagens me marcaram como pequenas partes de mim que foram parar em papéis e telas e que guardaram memórias de momentos vividos, sentimentos vivenciados dentro e fora do curso. Para



poder falar sobre esse processo de criar e das memórias que existem em cada imagem, fiz uma curadoria para poder fazer uma divisão por sequência de períodos, do primeiro ano até o último ano em que produzi algo.

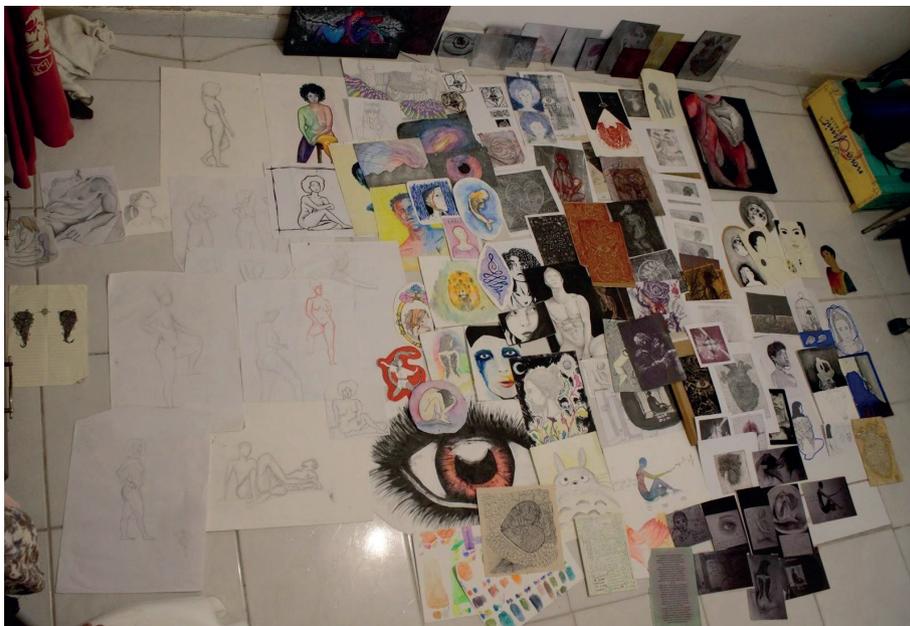


Figura 1: Esboços, desenhos, pinturas, gravuras do acervo pessoal da autora, 2021. Recife. Fonte: Acervo pessoal.

Nesse trabalho, o foco será direcionado às produções apenas dos componentes curriculares práticos, desenvolvidos nos laboratórios do curso. Assim, dividi as produções do primeiro ao último ano por ordem cronológica, começando por 2016, quando ingressei no curso. Dividido em dois períodos, o primeiro com Desenho 1 e Argila 1 e o segundo período com Desenho 2, Argila 2 e Pintura 1.

O segundo ano, 2017, no qual tive aulas dos componentes curriculares de Gravura A, Pintura 2 e Fotografia e Arte durante o primeiro período, e Gravura B no segundo semestre do ano.

Em 2018, apenas cursei no segundo semestre a prática no Laboratório de Gravura e em conjunto com o componente curricular de Pesquisa em Artes desenvolvi o início do processo de produção que iria ser a base para minha última produção em 2019 durante Tópicos em Arte 2, que tinha como

tema Memória e Narrativa. Para poder falar sobre a minha produção, juntei-as por tema, desenho, pintura, argila, gravura, fotografia e arte, e memória e narrativa.



Figura 2: Espelho do mapa organizacional do trabalho, acervo da autora, 2021.
Recife. Fonte: Acervo pessoal

No próximo tópico, serão abordados os componentes curriculares de desenho 1 e 2. Nele vou abordar as minhas primeiras experiências com desenho artístico e como essas experiências me trouxeram tensão, mas ao mesmo tempo muitas descobertas sobre as possibilidades que a criação artística pode proporcionar.

2- Desenho: tensão e descoberta

O início do curso foi com a primeira aula de desenho, nesse dia não tivemos prática, até porque como primeiro dia, nem materiais tínhamos, mas a primeira experiência com aula de desenho aconteceu alguns dias depois. Foi pedido pelo professor que fizéssemos quadrados apenas com linhas e que tivessem posições diferentes de perspectiva. Eu não tinha feito exercícios de desenho antes, o máximo que tinha feito na vida eram imagens bobas de fundo de cadernos e rabiscos nas laterais das páginas dos cadernos escolares.

O que mais me recorro dessa aula foi a sensação de competitividade que senti no espaço, eram pessoas tão diferentes umas das outras, umas já com experiência em desenho, outras que já possuíam uma prática bastante desenvolvida, uns com menos experiência iguais a mim, insegura com o traço se ia ficar bonito ou não, e ansiosa com o que o professor ia dizer.

Recordo de me preocupar bastante com que meu desenho saísse reto, quase como se tivesse feito com uma régua. “[...] ao criarem sua obra, os artistas não competem uns com os outros, ou contra os outros. O confronto de cada um é consigo mesmo” (OSTROWER, 1999, p. 251-252). A autora trata sobre a pressão que colocamos em nós mesmos para alcançarmos uma expectativa criada em volta do ser artista e do fazer arte. Nas entrelinhas, essas discussões atravessam o curso, desembocam numa tensão que se forma em torno do que significa ser artista e como deve ser uma obra de arte e que deve ser desconstruída essa imagem de perfeição inalcançável.

Conforme as aulas de Desenho 1 aconteciam, ia aprendendo muito mais sobre desenho com os colegas de sala que já possuíam maior experiência, do que com o professor e o que ele tentava ensinar. Sua pedagogia me dificultava em alguns aspectos, primeiro, por conta da forma que eram trabalhadas as atividades em sala. Muitas vezes a explicação não era clara e uma atividade que iria necessitar de uma orientação mais aprofundada ficava complicada devido ao tempo de aula, que muitas vezes acabava por ser curto por conta de atrasos e pelo excesso de pessoas para atender durante a mesma. Em diversas ocasiões, também, me via dispersa na aula por conta da repetição de uma atividade já feita anteriormente.



Nessas primeiras experiências com desenho em sala, o professor iria apresentar o conhecimento sobre noções de perspectiva e volume, de como o objeto fica em luz e sombra e de suas formas de variação com a reflexão. Boa parte dos desenhos que fiz durante o período de Desenho 1 se perdeu, primeiro pelo fato de não gostar das coisas que desenhava, achava meus desenhos inferiores, sem técnica definida ou expressão própria e não via motivo para guardar depois de o professor já ter avaliado.

No componente curricular de Desenho 2 iniciamos os desenhos de observação de modelo vivo. Recordo que antes de termos as aulas com a presença de uma modelo apenas para desenho de observação, primeiro trabalhamos o traço e a percepção da imagem de referência através da atividade de desenhar o grupo. Éramos postos de frente ao nosso colega de sala e tínhamos pouco tempo para poder desenhar quem estava na frente, foram desenhos divertidos de serem feitos. Depois disso começamos a desenhar nossos colegas no mesmo sentido da atividade anterior, mas dessa vez era o desenho de corpo todo, era importante conseguir capturar a posição e as referências do corpo do qual estava como modelo.

Foram atividades interessantes que me instigaram bastante a desenhar fora de sala, comecei a ter o costume de desenhar pessoas no ônibus no caminho de ida e volta para a faculdade. Foi a partir desses momentos que comecei a entender qual era a sensação de olhar o desenho que fiz e perceber que consegui colocar um pouco do que estava vendo no papel. Boa parte dos desenhos que guardei é do componente curricular de Desenho 2, ao qual me apeguei pelo motivo de sentir que tinha conseguido me encaixar num meio muito pequeno de pessoas que se sentem satisfeitas com aquilo que fazem. São imagens simples, mas que de alguma maneira me senti no papel.



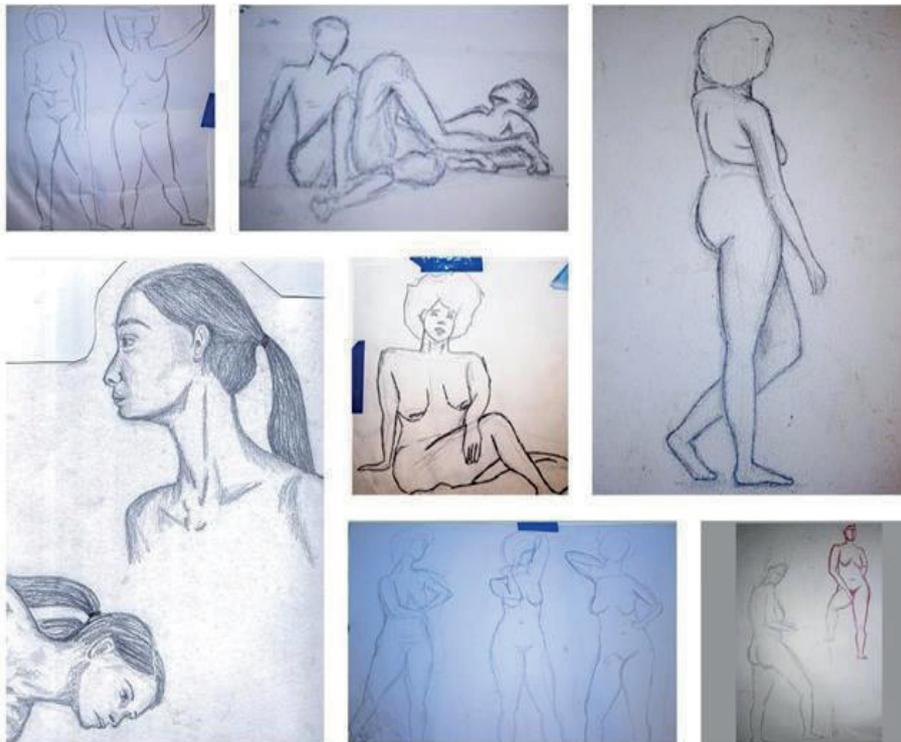


Figura 3: Exercícios de Desenho de observação de modelo vivo, 2016. Recife.
Fonte: Acervo Pessoal. 2016

Como coloca a autora,

[...] o ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar, o ser humano é um ser formador. Ele é capaz de estabelecer relacionamentos entre os múltiplos eventos que ocorrem ao redor e dentro dele. Relacionando os eventos, ele os configura em sua experiência do viver e lhes dá um significado (OSTROWER, 1987, p. 9).

O processo criador como coloca a autora é o ato de formar, a partir de vivências externas e internas, o novo que será inteiramente próprio, carregando consigo significados.

Na maioria das vezes fazia desenhos rápidos tanto de objeto quanto de pessoas, mas o rascunho ajudou a praticar percepção e firmeza no traço,

quanto mais riscado e com mais quantidade de detalhes, mais bem formada era a figura. O exercício consistia em tentar esboçar, em pouco tempo, o que se tinha de referência na sua frente, me ajudando bastante a ter menos preocupação e a me sentir mais livre durante o processo. Eu não tinha como ficar presa num traço “certinho” e reto. Pegar a forma e os detalhes que fazem se assemelhar ao objeto era o mais importante. São esses desenhos que mais me marcaram, tanto pelo fato de que, pela primeira vez, estava me vendo como uma desenhista, como por perceber que era possível desenhar. Desse momento em diante entendi que “talento nato” não é uma verdade absoluta, todos têm o potencial criativo e sensível, é uma coisa inata do ser humano, todos somos seres potentes para a criação. Como Ostrower afirma em ser *conscientesensível-cultural*:

O homem será um ser consciente e sensível em qualquer contexto cultural. Quer dizer, a consciência e a sensibilidade das pessoas fazem parte de sua herança biológica, são qualidades comportamentais inatas, ao passo que a cultura representa o desenvolvimento social do homem; configura as formas de convívio entre as pessoas (OSTROWER, 1987, p. 11).

Através da minha experiência com desenho, pude olhar e perceber que todos os seres têm a capacidade de criar dentro de si, e que através de vivências e assimilações de experiências o ser constrói suas habilidades. É preciso que se reflita que tudo em nossa vida atravessa processos de aprendizagem que exigem muitos treinos, muitas tentativas, muitos exercícios, acertos e erros para que se adquira o conhecimento para usar a habilidade que se queira aprender e que isso é inerente do ser humano, vivemos aprendendo para poder viver. Isso faz parte dos nossos processos de adquirir conhecimentos e assimilar as informações tanto internas quanto externas, isso não é diferente no campo da Arte.

Os desenhos de modelo vivo foram os que me senti mais livre, eu tinha asas e voava. Não existia luz, sombra, cores, só a linha que contornava a forma e fazia o corpo existir no papel. Rascunhos se tornaram minha parte preferida do fazer o desenho, mesmo que não se possa ver o resultado, com planos, cores, luzes e sombras, o rascunho se tornou para mim o puro,



o cru do desenho, o início de caminhos que a imagem pode tomar e seguir. São caminhos amplos e muito atrativos. O rascunho permite não fechar uma ideia, ele permite a forma não ter uma única identidade, pode ser qualquer um e, em simultâneo, ninguém. Essa imagem é uma mistura de exercícios realizados em componentes curriculares distintos, o desenho foi da aula de modelo vivo e a pintura da aula de Pintura 1.



Figura 4: Atividade de Pintura1, mistura de técnicas, 2016. Recife. Fonte: Acervo pessoal.

Os componentes curriculares de Desenho 1 e 2, e Pintura 1 foram no primeiro período do curso de Artes Visuais. Era normal misturar atividades entre as disciplinas, desenhos que fiz foram usados para pintura. No tópico 3, vou abordar experiências vivenciadas com pintura e a busca para entender questões internas minhas que se desenvolveram quando estava frequentando os dois componentes curriculares.

3- Pintura - Quem eu sou

No componente curricular de Pintura 1, recorro que as aulas me frustraram muito no início do curso. Na ementa curricular de Pintura 1, explica que no componente são ensinadas e praticadas as técnicas de pintura aguada, tanto com a utilização de aquarelas quanto em nanquim. Lembro que as práticas das aulas eram para produzir alguma pintura em toda aula, o que me incomodava por sempre ter que só apenas produzir algo, não tinha práticas de técnicas específicas ou o ensinamento de alguma forma de pintura. Como tinha a mesma rotina de aulas e de atividade, as pinturas que produzi durante as aulas eram a partir de referências que buscava na internet e que me inspiravam a reproduzir no momento da aula.

Para Ostrower inspiração não é algo que venha aleatoriamente e resulte em um formar criativo, criatividade nasce de experiência e momentos anteriores e resulta no que no final poderá ser o que se torna o processo criativo. "Podemos entender todo o fazer do homem como sendo inspirado se o qualificamos pelo potencial criador natural, pela inata capacidade de formar e intuir, por sua espontânea compreensão das coisas". (OSTROWER, 1987, p. 73). Mesmo que para mim as aulas tenham sido de certa forma pouco produtivas, as vivências e os momentos em que trabalhava em sala e no reproduzir dessas imagens foram importantes para obter memória motora e vivências que se tornaram significativas na minha história no curso.

Parte do que aprendi de pintura com aquarela e nanquim foram em vídeo aulas na internet e de ver colegas de sala que possuíam experiência em pintura com esses materiais. Apenas tive base de conhecimento sobre técnicas de pintura algum tempo depois quando ganhei um livro sobre técnicas de pintura artística da Publifolha. É um guia que ensina cada passo para produção de obras em aquarela, acrílica e óleo. Conheci categorias de materiais, técnicas para iniciantes em pintura com exercício de reproduzir o mesmo tom, como referenciar uma imagem do real para o papel através das linhas guias.

Gosto de usar aquarela e nanquim, de misturar as técnicas e os materiais para produzir algo, mas demorei a retomar a ter hábito de pintar depois dessa primeira experiência com a disciplina. Apenas depois de



algum tempo, em 2017, retornei o uso desses materiais para desenho, meu foco anteriormente estava na produção em outro componente curricular que vou tratar mais à frente.

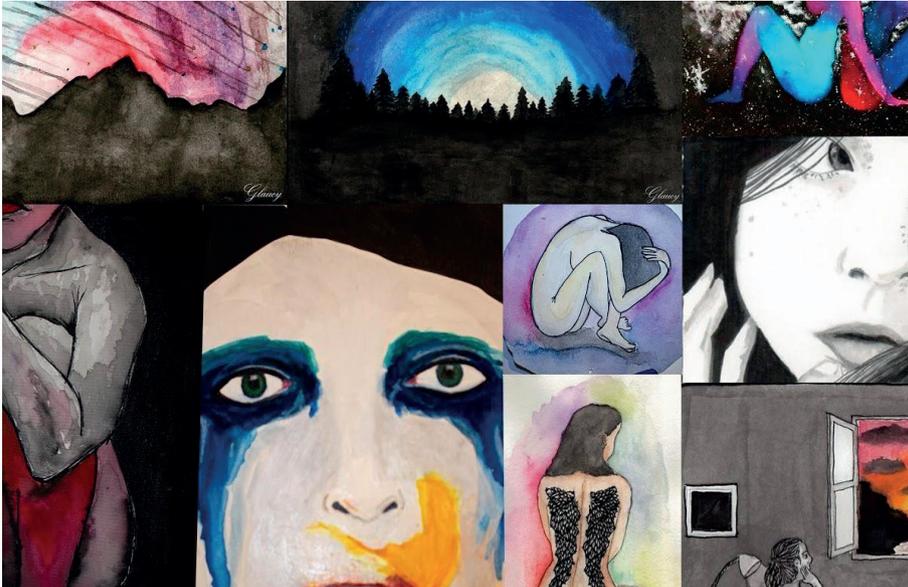


Figura 5: Atividades de Pintura 1, Aquarelas e Nanquins, 2017. Recife. Fonte: Acervo pessoal.

No ano de 2017 percebi que estava descobrindo quem eu sou, passei boa parte da infância e adolescência vivenciando pouco da vida, tinha medo de viver, na verdade. Foi importante perceber que nesse momento eu estava com o controle da minha vida, no sentido de que era agora responsável por mim mesma e, sendo assim, deveria olhar um pouco mais para mim e enfrentar as situações do cotidiano. E essas novas percepções reverberaram também no que eu fazia na faculdade.

Pintura 2 é o componente curricular que tem como foco a compreensão da pintura com acrílica e óleo. Durante esse componente não conseguimos trabalhar com tinta a óleo, apenas com acrílica que é um material desafiador, pois, por sua rápida secagem e pigmentação mais forte, as produções são bem diferentes do que as aguadas que foram feitas em Pintura 1. É possível ser feita a técnica de aguada com acrílica, mas a forma de uso do material foi mais interessante do que aguada. Era quase como se voltasse a apenas trabalhar com rascunhos. Por a tinta ser de secagem rápida as imagens que

produzi são mais chapadas, com pinceladas mais fortes e marcadas. Era interessante construir o rascunho na tela e ir adicionando cores e vendo o que a pintura se tornava.

Boa parte da produção está na minha memória, tive que vendê-las, mas as que ficaram me fazem lembrar as sensações que tive durante o momento que pintei. Candau (2012) ajuda a entender que a memória é acima de tudo uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel dele. Nesse sentido, as sensações que tive durante o processo de produção me fazem pensar que o passado e o presente estão continuamente entrelaçados e que tudo aquilo que pode ser revivido ou rememorado são fragmentos constantes de algo que ainda vive a partir de lembranças e memórias. Para mim a maior diferença entre a produção em aguada para a acrílica é o tempo.

Na aquarela se tem mais tempo para produzir, se faz a pintura com mais paciência e atenção aos mínimos detalhes. Em acrílica é mais intenso, é como a sensação de adrenalina no corpo, ficava eufórica por ver a pintura finalizada. Enquanto na aquarela e nanquim se tem como dar uma pausa no desenho e retornar depois, em pintura com acrílica meu processo de desenho e pintura difere. Imagino a imagem e faço um rascunho rápido no papel ou na própria tela e a partir daí começo a pintar.



Figura 6: Atividade de Pintura 2, mistura de técnicas, 2017. Fonte: Acervo pessoal.

No tópico 4, vou tratar sobre minhas experiências durante o componente curricular de Argila, o oposto de pintura e desenho, no sentido da dimensionalidade, pois os primeiros são bidimensionais e o terceiro é, primordialmente, tridimensional. Comecei a ter uma nova e diferente vivência artística e didática em comparação aos componentes curriculares práticos anteriores que havia estudado. Também foi o começo de novas experiências na vida para mim, e esses momentos de transformação deram início a entender como é a vida adulta.

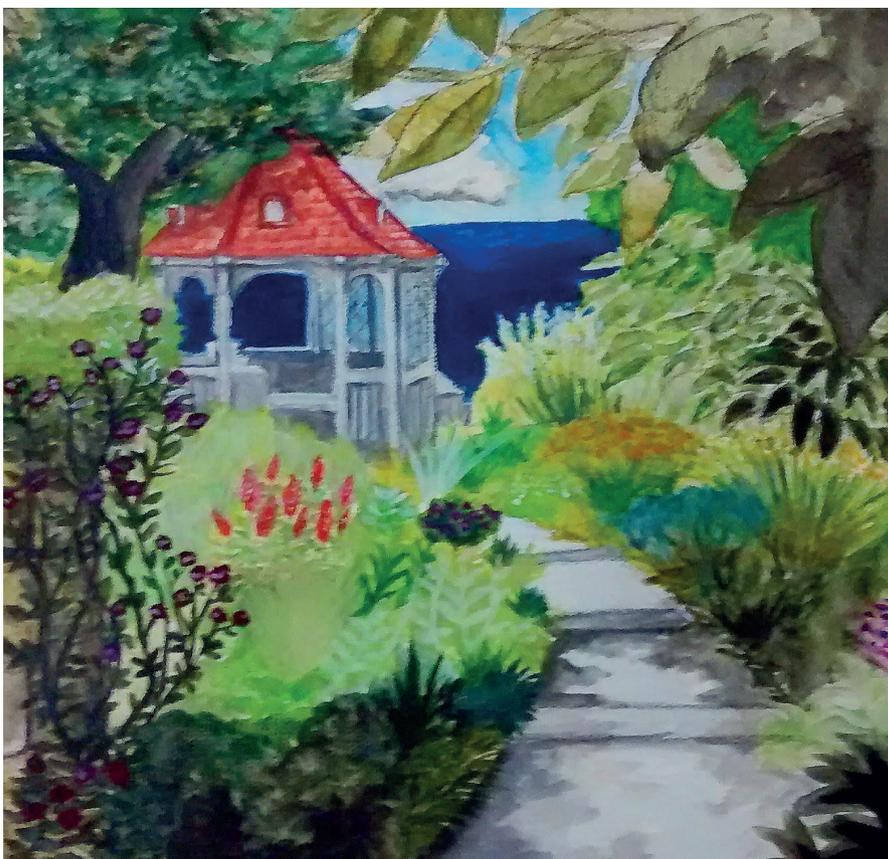


Figura 7: Atividade de Pintura 2, mistura de técnicas, 2017. Recife. Fonte: Acervo pessoal.

4- Argila – Começo da vida adulta

Em Argila 1, foi interessante por conta da diferença da técnica que estava aprendendo. Enquanto em Desenho 1 só usava o desenho em primeiro plano 2D, em Argila a forma se transformava para ser palpável.

Aprendi que amo fazer trabalhos manuais, que utilizem o corpo para fazer as produções. Foi assim em Argila, como também em Gravura. Lembro que amava ir à aula, era ótimo chegar, arrumar os materiais que ia usar, colocar um *fone* com música e apenas me concentrar no que ia fazer.

Minha produção em Argila muitas vezes não foi desenhada e planejada, foram feitas do que imaginava. Acabou sendo bem diferente do que experimentei em desenho, onde tinha que produzir o que estava na minha frente no papel. Em argila tinha que produzir o que estava na minha mente.

Dialogando sobre imaginação Ostrower (1987, p. 32) destaca que: “o imaginar seria um pensar específico sobre um fazer concreto” e completa, “o pensar só poderá tornar-se imaginativo através da concretização de uma matéria, sem o que não passaria de um divagar descompromissado, sem rumo e sem finalidade”. Em Argila também se utiliza técnicas de desenho como proporção real para se modelar um rosto, por exemplo, mas a liberdade que ela dispõe nas questões de volumes, sulcos, texturas e cores me proporcionaram a experiência de produzir peças que nunca imaginaria que criaria.

As aulas eram sempre bem preparadas pela professora e, em geral, seguiam uma rotina. Nas primeiras aulas era apresentado o assunto do dia, tinha a demonstração da técnica que iríamos aprender e depois a produção de algumas peças que trabalhassem a técnica passada. Éramos livres para fazer a modelagem da peça do jeito que queríamos. Se necessário, tínhamos uma orientação de qual seria a melhor forma para construir as peças e podíamos criar mais de uma. Logo após termos aprendido sobre as técnicas, as atividades que se seguiam em sala eram apenas o foco na produção da peça final (ou peças), era essa parte das aulas que eu mais gostava. Estar no laboratório e apenas manter o foco no que estava sendo construído, as experimentações e a curiosidade de tentar fazer da forma que imaginava, era mágico.

Minha experiência em argila também teve bastante foco porque fui monitora no componente, a partir disso pude ter uma vivência como suporte em sala de aula, a desenvolver as práticas de atividades e o ensino das técnicas que já havia aprendido.





Figura 8: Peças em argila, 2018. Recife. Fonte: Acervo pessoal.

O próximo tópico tratará sobre a experiência vivenciada no componente curricular de Gravura A e B. Nesse tópico vou abordar as experiências diferentes que me proporcionaram a experimentação de outros estilos e formas de produção criativa e me marcaram positivamente.

5 - Gravura A e B – Criar representa uma intensificação do viver

Os períodos em que ocorreram os componentes curriculares de Gravura A e B coincidem com grandes mudanças na minha vida. Foram momentos complicados e que me fizeram tanto ter um novo olhar sobre meu passado para buscar entender o que me tornei no presente, quanto olhar para o futuro com apreensão e ansiedade. Esses pensamentos e sensações mudaram a forma com que me expesso nas produções.

Segundo Ostrower:

o ato criativo é vinculado a uma série de ordenações e compromissos internos e externos”, ou seja, “todo o fazer do indivíduo refletirá no seu ordenar íntimo. O que ele faça e comunique, corresponderá a um modo particular de ser que não existia antes, e nem existirá outro idêntico (OSTROWER, 1987, p. 26).

Essa fala sobre o ato de criação explica uma análise sobre como antes minhas produções tinham mais cores e para mim não tinham tanta significação, como passou a ter, por decorrer dessas mudanças externas, também refletem mudanças internas.

Naquele período, explorava o processo criador de reutilizar desenhos que havia feito em Desenho 2 e imagens que tinha rabiscado no caderno. Desse modo, consegui explorar mais as técnicas que estava aprendendo do que me preocupar com a estética do que desenhava. Esse desprendimento me fez explorar estilos de desenho que não tinha gostado antes e que melhor se encaixaram para mim na gravura. Eram desenhos com menos foco em volume e precisão de proporção, símbolos que criei, e desenhos com aparência mais surrealista.

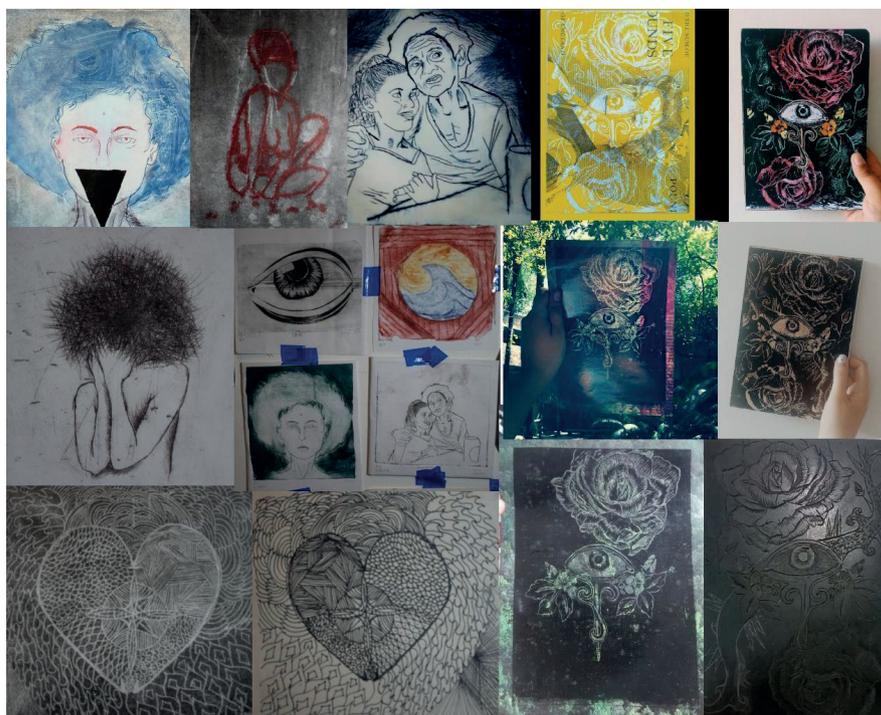


Figura 9: Impressões em Gravura A, 2017. Recife. Fonte: Acervo pessoal.

Em gravura A, os processos de aprendizado foram sobre as técnicas de monotípias e gravuras em acrílica. São técnicas que aprendi que podem ser adaptadas para, possivelmente, serem usadas em sala de aula em escola. Em Gravura B aprendi o processo de fazer matrizes em linóleo, ponta seca

e metal. Técnicas que gostei de explorar nos processos de criação em gravura, pois, me senti mais confortável experimentando e me expressando de formas visuais diferentes.

Compreendemos, na criação, que a ulterior finalidade de nosso fazer seja poder ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não representa um relaxamento ou esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. Daí, o sentimento do essencial e necessário criar, o sentimento de um crescimento interior, em que nós ampliamos em nossa abertura para a vida (OSTROWER, 1987, p. 28).

Esta fala de Ostrower (1987) expressa como me senti no processo de criação que se iniciou durante o componente curricular de Gravura B e se estendeu durante os componentes curriculares de Laboratório de Gravura, Pesquisa em Artes e Tópicos em Artes 2 que foi sobre memória e narrativa.

No momento em que estava no laboratório, além de criar imagens também criava novas realidades, eu me distanciava mentalmente da realidade em que estava e me transportava para um pensamento ou ideia. Nesses mundos meus pensamentos se tornavam universos e eu podia me expressar com total liberdade e intensidade.

Logo após a Gravura B, comecei o componente curricular de Laboratório de Gravura no qual temos a liberdade de criação a partir do que já foi feito em gravura A e B, tendo o foco na liberdade de apenas experimentar a utilização das técnicas aprendidas e produzir o que faria sentido para mim. Durante esse período o acesso ao laboratório era liberado e boa parte das minhas tardes e até noites foram produzindo gravuras de diversas formas diferentes. Busquei fazer impressões em diferentes papéis, com diferentes texturas e muitas das impressões que fiz foram de gravuras em cima de imagens já feitas, como uma colagem nas quais as imagens de



fundo conversavam com a impressão em gravura em cima. Realizei muitas produções de gravuras que se tornaram capas de cadernos que produzia e que mais tarde as vendi.

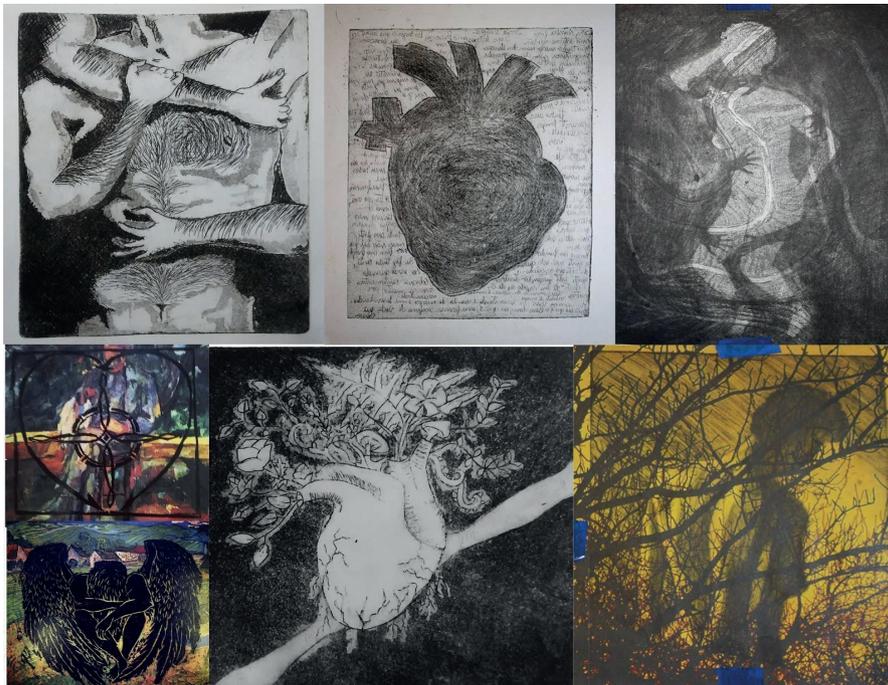


Figura 10: Impressões em Gravura B e Laboratório em Gravura, 2018. Recife. Fonte: Acervo pessoal.

No tópico seguinte o foco estará no componente curricular de Fotografia e Artes que visa mais o aprendizado e estudo teórico, do que o prático. Mas, que dependendo da metodologia, pode ser aplicado com uma produção artística como forma de avaliação final. Tratarei sobre o processo criativo de revisitar produções já feitas com a perspectiva de um novo olhar sobre o que já tinha produzido.

6- Fotografia e Arte – Novo olhar

Fotografia e Arte foi um componente curricular que envolvia muito mais aulas teóricas com discussões em sala do que prática de fotografia. Lembro que as aulas eram iniciadas com a apresentação de uma temática. As discussões podiam seguir por caminhos diversos, tanto no primeiro

Narrativas de Si: memórias do processo criativo
Glauycyellen Lopes da Silveira
Maria Betânia e Silva

tema quanto extrapolar assuntos diversos. Era difícil acompanhar as falas colocadas em algumas ocasiões, mesmo assim foi um componente curricular que me trouxe conhecimentos de áreas diversas e entendimentos sobre assuntos dos quais não tinha pensado em discutir antes.

A atividade final do componente foi a produção de um portfólio de livre escolha tanto em relação à temática quanto à forma de produzir as imagens. De início, fiquei com muita dúvida sobre qual assunto ou o que iria produzir de fotografia para apresentar para a última atividade. Como agora, minha resposta foi revisitar as imagens que já tinha feito durante o componente de Pintura 1 e 2 e um caderno que durante o período era meu caderno de anotações da faculdade, mas que mais utilizava para anotações de pensamentos próprios do que anotações acadêmicas.

Na produção para essa atividade, busquei ter um olhar nas imagens, pensando mais no oposto do que o que elas passavam, enlacei-as com recorte de frases de textos que tinha de livros em casa e editei as imagens para que todas ficassem com as mesmas cores. Através disso quis ressignificar a mensagem que passava. Era quase como um diário em que as palavras em conjunto com as imagens contassem uma história que antes apenas eu conseguia ler.

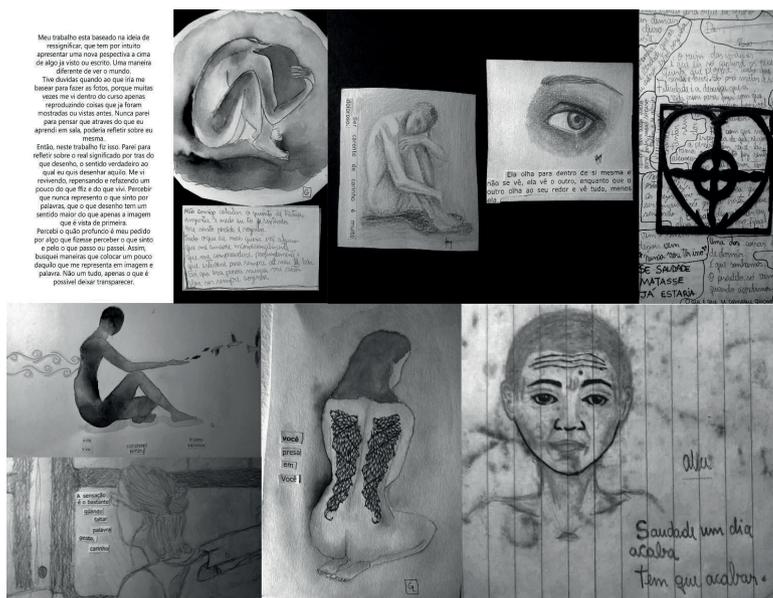


Figura 11: Portfólio de Fotografia e Arte, 2017. Recife. Fonte: Acervo pessoal.

Na sequência, vou abordar como se deu o processo criativo de construção do projeto de pesquisa durante o componente curricular Memória e Narrativa e Pesquisa em Artes. Falarei sobre como os dois componentes em conjunto me proporcionaram a descoberta de maneiras de materializar memórias, sentimentos e sensações.

7- Memória e Narrativa

O componente curricular Memória e Narrativa se deu por um processo que se iniciou em pesquisa em artes e se desenvolveu na sequência. Em Pesquisa em Artes, era trabalhado o processo de entender como inicia o desenvolvimento de uma pesquisa voltada para o campo de artes, o propósito principal era entender como fazer um projeto e desenvolvê-lo, de onde partir, quais são as metodologias etc.

Durante o primeiro componente em Pesquisa em Artes, começou o processo de investigar e produzir a partir da pesquisa e meu projeto se modificou bastante. O interesse inicial era abordar traumas.

Durante a pesquisa, um dos temas principais para falar sobre problemas de desenvolvimento de interação social na escola era uma abordagem sobre traumas, entender como ocorriam os traumas e interferiam no desenvolvimento social e psicológico na infância e adolescência. Segundo uma pesquisa da Organização Mundial de Saúde (2016), um em cada cinco adolescentes enfrenta problemas de saúde mental, e a maior parte não é diagnosticada ou tratada. Pesquisar sobre o tema me instigou a falar sobre meus traumas. Foi muito difícil para eu expressar por palavras, me fazer ser entendida e compreendida.

Por isso, produzi imagens que representassem partes importantes de mim que, até então, viviam comigo no meu consciente e que ainda não tinham ido à superfície. Busquei formas de tentar representá-las. Primeiro através de gravuras, pinturas e desenho, mas a forma que mais me inspirou a fazer era o desenho digital. Minhas produções passaram por diversas mudanças desde o início do curso, seja por estilo ou forma de fazer, mas tudo o que produzi serviu para chegar ao momento de elaboração dessas imagens.



Tratar sobre traumas e minhas lembranças sempre foi e será um pouco doloroso, mas é algo que preciso enfrentar para poder seguir. Quando pensei na produção das imagens para o componente curricular Memória e Narrativa, tinha em mente de que em cada imagem iria ter uma memória evocada.

Segundo Canton (2009), artistas utilizam a memória como um lugar de construção de resiliência, de demarcações de individualidades e também território de recriação e reordenamento da existência. Durante o processo de reunir todas as imagens que produzi durante o curso, analisar as imagens, perceber cada diferente processo de criação e escrever sobre as memórias que consigo evocar a partir de cada imagem, percebi que materializar memória foi algo constante que fiz mesmo que não tivesse a intencionalidade.

Todas as experiências que tive de produção de desenhos, pinturas, gravuras e esculturas foram, de certa forma, materialização de pensamentos, ideias e memórias. Mesmo que não tivesse plena ciência sobre isso no momento ou que tivesse idealizado outra proposta durante o fazer, no fim todas se tornaram parte de uma grande rede de lembranças e de memória que não só contaram histórias sobre o momento que as fiz, como também contaram sobre meu passado e experiências que vivenciei.

Segundo Einstein (1955) a diferença entre passado, presente e futuro é só uma ilusão persistente, a maneira como vemos o tempo é uma ilusão, que não ocorre de maneira linear, que passado e presente, na verdade não tem diferença, esses momentos estão acontecendo agora, eles sempre estarão acontecendo.





Figura 12: Portfólio de Fotografia e Arte, 2019. Recife. Fonte: Acervo pessoal.

8- Considerações

Revisitando as produções que foram feitas no decorrer desses últimos quatro anos percebi várias ocorrências diferentes. Minha produção é muito grande, fiz muitos desenhos, pinturas, gravuras e rascunhos durante a faculdade, principalmente no início, mas que por insegurança própria não dei importância a esses trabalhos. Como havia relatado no começo do texto, boa parte das produções ou foram jogadas fora, ou doadas, ou vendidas. As que restaram guardei com pouco cuidado e importância. Vejo agora que a aprovação que buscava no início do curso sobre o que tinha feito de desenho, tinha que vir de mim mesma. Meu pensamento sobre valorização do fazer artístico mudou, se é necessário viver a partir do que você produz, então, a valorização do seu trabalho começa em você, pelas horas em que trabalhou, pelo empenho que se colocou ao fazer uma produção. Esse aspecto da formação pessoal também atravessa a importância da vivência

no âmbito acadêmico que contribui não só para uma formação artística e profissional, mas, sobretudo, humana.

Percebi que meu traço e estilo de desenho são mutáveis, transito em diferentes estilos e técnicas. Tenho minhas técnicas preferidas, mas gosto de experimentar diferentes estilos sempre e consigo me sentir bem em produzir e experimentar diferentes fazeres artísticos. No decorrer das várias disciplinas minhas produções variavam de tema, meu objetivo era apenas a criação. Criar imagens é minha forma de me comunicar, crio quando estou com muitos pensamentos passando em mente, crio quando vejo algo que me inspira, e quando não quero também. Imagem é uma forma de comunicação para mim, palavras sempre serão um obstáculo que vou ter que enfrentar, mas que encontro caminhos para conseguir alcançar meu objetivo de transmitir alguma mensagem.

Durante o curso, tive aulas com diversos professores, cada um com sua forma e práticas didáticas. Como aluna, vivi distintas reações a variadas formas de metodologia. Enquanto em algumas me via de frente a uma parede, em outras aprendia a contornar os obstáculos para conseguir seguir. Aprendi que observar é importante e que ouvir é de igual importância. Como professora em formação, vejo que no espaço de aprendizado os professores e a didática são de muita importância para a formação e que os mesmos também estão num processo de aprendizagem em conjunto com os alunos. Visualizei esse espaço em componentes tanto teóricos quanto práticos, e entendo que em artes é importante que esse lugar esteja aberto para uma criação conjunta.

Por fim, agora percebo que minhas produções são parte de mim. Pequenos estilhaços espalhados de diferentes formas, mas que, em conjunto, fazem parte de memórias e sensações que coloquei em diferentes formatos, seja nos riscos do lápis no papel, na pincelada de aquarela, ou na forma que fiz os riscos numa gravura. Todos esses fragmentos contam para mim uma história com início, meio e fim.



REFERÊNCIAS

Livros

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CANTON, Katia. **Tempo e Memória**. 1º Edição. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes. 2009.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 19ª Edição. Petrópolis. Editora Vozes, 1987.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. 3.ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Campus, 1999.

Artigos em periódicos

MOURÃO JÚNIOR, Carlos Alberto; FARIA, Nicole Costa. Memory. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, n. 4, p. 780-788, 2015. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722015000400017&script=sci_abstract&tlng=es)

79722015000400017&script=sci_abstract&tlng=es Acesso em 26.01.2021.

1.Citação de internet

OMS. **Saúde Mental dos Adolescentes** — OPAS/OMS | Organização PanAmericana Da Saúde. Paho.org, 2016. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em 17. 02. 2021.